

António Camilo Cunha

Universidade do Minho – Instituto de Educação

camilo@ie.uminho.pt

EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E INVESTIGAÇÃO – CERTO E ERRADO!?

A reflexão surge na sequência da nossa constatação empírica, sobre a investigação em educação, nomeadamente, o “foco” que é dado nos Mestrados e Doutoramentos e que parecem estar “ancorados” na ideia de que o conhecimento e o saber (a verdade) se estruturam ainda numa certa (e confortável) intemporalidade...

Olhando um pouco para o pensamento de Popper nomeadamente, as obras: “Lógica da Pesquisa Científica”, – onde discute a problemática do que é a indução e do que é a ciência; e “Sociedade Aberta e seus Inimigos” – onde analisa o conceito de sociedade aberta e todas as inter - relações (de poder); vai-nos permitir constatar, que a investigação pode (deve) ser entendida como um sentido ético sustentado pela ideia de humildade e honestidade.

Ao defendermos o sentido ético (atitude), permite-se dizer com maior acerto que a ciência (em educação) é múltipla e hospitaleira. No entanto, para que esse entendimento seja real, será necessário que haja humildade e honestidade, por parte dos investigadores (da ciência) fugindo assim à tradição clássica (dura) do positivismo lógico ou de um extremo demasiado flexível e radical da dimensão hermenêutica. Assim, para sustentar, uma outra forma de fazer/dizer ciência, vai (Popper) a Sócrates e recupera a ideia “eu posso estar errado e vós podeis estar certos, e, por um esforço poderemos aproximar-nos da verdade”, vindo assim este facto consolidar a ideia de humildade (em posso estar errado!) e de honestidade (por um esforço, poderemos aproximar-nos da verdade!). Neste contexto, parece descortinar-se o sentido da temporalidade do conhecimento... É neste envolvimento que a reflexão pretende carrilar...convocando uma “nova/velha” ideia de investigação educacional...

PONTO DE PARTIDA

A reflexão surge na sequência da nossa *constatação empírica* sobre a *investigação em educação*, e na ideia de que o conhecimento e o saber se estruturam ainda numa certa (e confortável) intemporalidade - “velhos tempos”.

Foi esta constatação que nos fez olhar um pouco para o pensamento de Karl Popper nomeadamente, as obras: “*Lógica da Pesquisa Científica*” - onde discute a problemática do que é a *indução* e do que é a *ciência*; e “*Sociedade Aberta e os seus Inimigos*” - onde analisa o conceito de sociedade aberta e todas as inter-relações (de poder). Este olhar, vai-nos permitir constatar que a investigação pode (deve) ser entendida como um *sentido ético* sustentado pela ideia de *humildade* e *honestidade* que, “rompem” com o conforto das verdades mistificadas. Verdades essas que em última análise apenas servem algum tipo de medo, de sobrançeria ou “tribo científico”.

Ao defendermos o *sentido ético (atitude)*, permite-se dizer com maior acerto que a ciência (em educação) é *multiplica* e *hospitaleira*. No entanto, para que esse entendimento seja real, será necessário que já haja humildade e honestidade, por parte dos investigadores, havendo neste sentido a necessidade de integrar a tradição clássica do positivismo lógico com a intemporal dimensão hermenêutica. Assim, para sustentar, uma outra forma de fazer/dizer ciência, Popper convoca Sócrates e recupera a ideia “*eu posso estar errado e vós podeis estar certos, e, por um esforço poderemos aproximar-nos da verdade*”. Este facto vem consolidar a ideia de *humildade* (eu posso estar errado) e de *honestidade* (por um esforço, poderemos aproximar-nos da verdade) – “novos tempos”.

SOBRE CIÊNCIA, CONHECIMENTO E SABEDORIA

Olhar para a ideia de *educação e investigação* necessariamente, ter-se-á de olhar para o miolo desses missões. Necessariamente, teremos de olhar também para a “mola de impulso” que é a *ciência, o conhecimento e a sabedoria* como sustento para assegurar a Vida Boa.

2.1. Ciência

No tocante à *ciência*, apesar de existirem discursos/olhares diferenciados podemos dizer com acerto (olhar comum) que a ciência chama a si a ideia de que qualquer conhecimento racional é elaborado a partir da observação, do raciocínio (razão positiva mas também hermenêutica) e da experiência. Deste sentido emergem teorias, leis, que vão explicar e sintetizar (ideia de síntese) os fenómenos que foram objecto desse olhar.

A ciência neste envolvimento, vai convocar conceitos como validade metodológica, horizontes epistemológicos, sem esquecer as qualidades de base sustentadas pela ética.

Assim, a mola de impulso para que este sentido seja real tem como substância a curiosidade intelectual, o espírito crítico (reflexão), o espírito de submissão aos factos (humildade), a consciência de que o conhecimento tem um tempo e um espaço – intemporalidades do conhecimento, que encontramos por exemplo em Bachelard e Khun.

Este quadro pretensamente seguro levou a considerações extremadas ao considerar que a ciência poderia substituir a religião, a filosofia, a poesia... Ora isso, não é bem assim!

A ciência tem as suas virtudes mas, também os seus limites.

2.2. CIÊNCIA E CONHECIMENTO

O conhecimento, é resultado da função empírica e teórica do “espírito”. Esta ideia de “espírito” carrega a ideia sensível, do inteligível e do metafísico – ou seja, a ideia do “homem todo”. O conhecimento é assim dado pelo carácter “natural” (sentido antropológico, ontológico... e de certa forma cultural); e pelo carácter “construído” (cuidadosamente e racionalmente construído). É destas constatações que nasce a ideia de *origem* e o *alcance* da ciência e do conhecimento.

2.3. CIÊNCIA, CONHECIMENTO E SABEDORIA

A sabedoria (sua praxis) é uma preocupação que remonta à origem da cultura ocidental. É um estado, que todos devemos alcançar. Um estado de saber, de *conhecimento perfeito*. Por exemplo, com Platão - a sabedoria como forma das ideias puras; como os Epicuristas - a sabedoria como felicidade; com os estóico - a sabedoria como domínio de si próprio, através do conhecimento... e mais próxima de nós Hegel - a sabedoria “coisa” que vai além do pensamento filosófico.

A sabedoria trás consigo conceitos e práticas intemporais, como: *prudência, moderação, sobriedade...*

AO ENCONTRO DE KARL POPPER

Recuperando a ideia apresentada no ponto um (ponto de partida), quando Popper faz o “elogio” a Sócrates e pega na ideia “*eu posso estar errado e vós podeis estar certos, e, por um esforço poderemos aproximarmos da verdade*”

Estamos perante a *ironia* (eu posso estar errado - o sentido negativo/positivo) e a *maieutica* (através de um esforço - o parto - e a proximidade com a verdade). A humildade e a honestidade surgem assim como *pilares básicos de toda a ética*.

3.1. A HUMILDADE

A *humildade* exprime a tomada de consciência dos limites do conhecimento humano é por isso que adianta (defendo) o caminho da falsificabilidade uma vez, que todo o conhecimento humano não tem condições de saber, se chegou ou não à verdade. A ciência é conjectural e não “coisa” dos finais”.

Neste sentido, a humildade é condição básica para uma boa ciência. Aqueles confirmam ou infirmam hipóteses e que têm pretensão de generalizar “sua verdade” podem estar a contribuir para uma generalização precipitada e portanto (eventualmente) arrogante. Neste envolvimento, defende-se uma atitude de não impor aos outros as pretensas verdades construídas, verdades essas que vão acabar por *fundar e fundamentar crenças, mistificações e certezas ideologicamente construídas*. Este sentido, este conhecimento é aquele que na sociedade (na ciência/educação) controla, oprime, violenta, domina os outros em virtude dos seus pontos de vista - verdades irrefutáveis... *intemporalidades do conhecimento*...

Por essa razão, Popper vem directa e indirectamente - através do *critério de falsificação*, abrir portas para um conhecimento outro - interpretativo, qualitativo... onde o esteio fundador e influenciador é, de que, o conhecimento nunca é o último - *temporalidades do conhecimento*.

3.2. A HONESTIDADE

Da consciência da *humildade* nasce a *consciência da honestidade*. A honestidade vem dizer, que a investigação perante as conclusões que não vão ao encontro dos instrumentos e das crenças do investigador (a ideia do erro) deverá ser considerada nesse patamar - limite do conhecimento.

Os limites do conhecimento não devem ser motivo de abandono e da busca (sempre inacabada) da verdade. A busca da verdade em Popper não dignifica o abandono do racionalismo científico (positivo/objectivo), mas significa também o outro lado – um racionalismo de subjectividade hermenêutica²⁶. *Este seria o sentido ético fundamental*.

O VALOR MORAL E ÉTICO DA CIÊNCIA

Pelo exposto, o valor moral e ético da ciência/investigação deixariam de estar ancoradas numa crença (positiva) que nos favorecia/esclareceria a verdade, para aceitar e incorporar um campo em que os fenómenos não podem ser sempre explicados por meio da lógica, pois muitos deles pertencem ao campo da pré-reflexão e da transcendência.

Neste sentido, o racionalismo (lógico e crítico) deixaria de ser uma teoria fechada, para ser uma atitude, isto é, uma argumentação lógica/explicação, mas também a incorporação de possibilidades prováveis/possíveis, (fé e razão - possibilidades de uma nova hermenêutica)²⁷. É se quisermos, a construção de um sentido moral sem necessidade de demonstração lógica. É algo, para ser assumido e não compreendido.

4.1. ENTRE A TEORIA E A CRENÇA – PARA UMA “NOVA HERMENÊUTICA”

Estamos pois, num quadro de análise teórica. As *teorias* são aceites por força da argumentação racional objectiva e demonstrativa enquanto que, as *atitudes* são do campo da força da crença.

²⁶ *Só conseguimos explicar as coisas que não vêm da razão.*

²⁷ Um dia perguntaram ao Papa Bento XVI como explicava/demonstrava a existência de Deus, a que ele respondeu: “Eu não explico... por isso, acredito – tenho fé...”

Assim, a ciência como teoria²⁸ sustentada na razão crítica, mas também como atitude no campo da fé e da crença. A dimensão ética expressa essas duas variáveis. Uma ciência como teoria seria redutor e eventualmente, (certamente) não ético pois não contemplava as dimensões do ser - *imanência e transcendência*. É a ética, que permite o sentido da humildade e da honestidade perante as nossas limitações.

Surge assim, uma ideia de transcendência na “coisa” Ciência (na filosofia da ciência, mas também na filosofia educacional e política). A transcendência para Popper, significa superar a condição de simples teoria e adaptar a condição de atitude que contem a crença e a fé.

Estaremos porventura, numa nova hermenêutica (da ciência) que se constitui como unidade fundamental, pela *congregação da razão e da fé*. É desta unidade fundamental, que emerge o *sentido da demarcação*, (outro conceito importante no pensamento de Popper) encarado como proposta, para que se consiga um acordo ou se estabeleça uma convenção não apenas no sentido *indutivo*²⁹ (em que não é muito adepto), mas também, e sobretudo, *dedutivo e transcendente*³⁰. A ciência nasce assim, num primeiro momento de uma atitude que irá construir uma teoria sobre a ciência, a política e a história.

4.2. UMA ÉTICA EPISTEMOLÓGICA

Assim, nasce a ideia de uma ética epistemológica (imane/razão e transcendente/fé) que é o grande sólido para estimular e proteger a liberdade de crítica e de pensamento... ou seja, a liberdade dos homens! Neste avatar, a epistemologia não pode ficar refém de um racionalismo crítico como é o caso do Positivismo Lógico (do círculo de Viena) da Psicanálise (Freud) ou do Marxismo. A epistemologia, *como atitude* contempla parâmetros da razão, mas também, os caminhos da cultura, do contexto, dos valores (o axiológico).

“NOVO” PONTO DE PARTIDA...

A ciência não deve perder o carácter falível da sua condição, deve sim, promover o sentido da liberdade. O “verdadeiro e o falso” convivem juntos. Perceber isto é condição de liberdade humana, mais que epistemológica, é *ética*. *A educação e a investigação também é, disto que se trata...*

NOTAS

Só conseguimos explicar as coisas que não vêm da razão.

Um dia perguntaram ao Papa Bento XVI como explicava/demonstrava a existência de Deus, a que ele respondeu: “Eu não explico... por isso, acredito – tenho fé...”

Uma teoria exige elementos racionais e estruturas logicamente construídas, aceites e compreendidas...

A indução pode ocultar a falsidade de uma proposição, ou mostrar-nos eventos repetidos aos quais atribuímos valor de verdade (dogmas) comprometendo a racionalidade da ciência. Ao rejeitar todo o tipo de dogmatismo, a indução está perto

²⁸ Uma teoria exige elementos racionais e estruturas logicamente construídas, aceites e compreendidas...

²⁹ A indução pode ocultar a falsidade de uma proposição, ou mostrar-nos eventos repetidos aos quais atribuímos valor de verdade (dogmas) comprometendo a racionalidade da ciência. Ao rejeitar todo o tipo de dogmatismo, a indução está perto dele, isto é, a atitude de “certeza absoluta” em relação a determinada proposição ou teoria pode conduzir à dominação e ao autoritarismo (totalitarismo).

³⁰ A dedução compromete menos a racionalidade da ciência uma que ao primeiro evento contrário a uma determinada tese devemos resignar e abandonar a mesma tese. Ela revela mais facilmente a falsidade numa proposição e, portanto, das nossas teorias. Para Popper a dedução aproxima-se mais da verdade.

dele, isto é, a atitude de “certeza absoluta” em relação a determinada proposição ou teoria pode conduzir à dominação e ao autoritarismo (totalitarismo).

A dedução compromete menos a racionalidade da ciência uma que ao primeiro evento contrário a uma determinada tese devemos resignar e abandonar a mesma tese. Ela revela mais facilmente a falsidade numa proposição, e portanto, das nossas teorias. Para Popper a dedução aproxima-se mais da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Durozoi, G, & Roussel, A. (2000). *Dicionário de Filosofia - Dicionário Temático*. Porto. Porto Editora.

Popper, Karl (1974). *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: S. P. Cultrix.

Popper, Karl (1974). *A Sociedade Aberta e os seus Inimigos*. Belo Horizonte: Italaia.

Popper, Karl (2001). *A Vida é Aprendizagem*. Lisboa: Edições 70.

CAMILO CUNHA, A. (2010). Educação, Currículo e investigação. Certo ou errado!? *Actas do IX Colóquio sobre Questões Curriculares, V Colóquio Luso - Brasileiro. [CD-ROM]*, Porto - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 9, 5, 54-58.